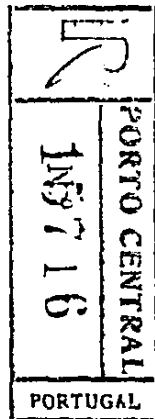


Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



19716

Modelo n.º 42

הלפי

...alumia-vos,
aponta-vos o ca
minho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Comunidade Israelita do Porto

RECTOR E EDITOR — A.
REDACÇÃO—RUA GUF
—(Toda a correspon-

STO (BEN-ROSH)
Porto
ida no director—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

De como o Cavaleiro d'Oliveira visitou a sinagoga de Haia e do mais que se passou

Nas *Memórias das viagens*, livro impresso em Amsterdão em 1741, disse a páginas 163 que os armários onde se guardam os livros da lei tinham sido abertos para eu ver pelo prégador da Sinagoga de Haia, Həzan Daniel Acohen Rodriguez, pessoa sábia e polida, o único judeu, do meu conhecimento, que falava perfeitamente o português sem nunca ter estado em Portugal. De facto assim é, acrescentando eu que o rabino condescendera com o meu desejo em atenção pela minha qualidade; de sobra manifestada pela ordem de Cristo que me via ao peito.

Um dos judeus mais importantes de Haia, ao tomar conhecimento de tal passagem, queixou-se que eu tinha insultado o rabino, com insinuar que testemunhara respeito e veneração por Jesus-Cristo.

Isaac de Souza Brito, filho de Gabriel de Souza Brito, judeu de muito merecimento, que deixou provas do seu grande saber em tratados de aritmética e cosmografia, informou-me, sem me citar contudo nomes, dos reparos que provoquei. A Brito escrevi, na altura, a carta de que se segue um excerpto e que nunca foi incluída nas minhas obras:

«Pois que o seu amigo leu o meu trabalho, só a ignorância posso atribuir o

incriminar ôle a passagem citada. Grande impudência é a sua em me aquilatar de impostor! Grande, o que me leva a crer que é um destes sujeitos que para nada prestam neste mundo, se não houvesse a considerar que a beleza universal reside na variedade mais completa e absurda de seres á superficie da terra. Nasceram uns para nos servir de auxilio, outros para nos divertir, e ainda uns certos para nos mortificar. Ponho o seu amigo no número destes últimos; dizer eu que o rabino me testunhara deferência devido á ordem de Cristo, além de falar a verdade que outra coisa é senão tecer o seu elogio? Em tal limitou-se a praticar um obséquio, trivial em países onde a gente é mais culta e educada que os hebreus. Por toda a parte êstes são, com efeito, desprezados, menos por causa de religião que de seus usos e costumes. A sua grossaria e a sua ignorância são proverbiais. A prova de que a sua ignorância é tão crassa tanto nas outras nações como em Inglaterra está em que a *Recreação* não conta mais que quatro subscritores judeus, o Dr. Castro Sarmento, Rebelo de Mendonça, Abraão Viana e Ratom. Em face dos esforços que tenho empregado a combater a injusta e cruel perseguição de que

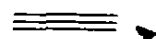
são vítimas em Portugal, não é evidente que deviam estar ao facto de quem é o seu zeloso advogado? Há cinquenta anos a esta parte, a minha obra não precisaria doutro incentivo, por assim dizer, que o fornecido pelos israelitas, no meio dos quais abundavam homens tão ilustres como generosos. Outros tempos, outros costumes! Mas voltando ao assunto: da mesma maneira que sou português e cavaleiro de Cristo, podia igualmente ser dinamarquês, polaco, francês, espanhol, napolitano, ou alemão, e, revestido da ordem do Elefante, da Águia, da Pomba, do Nó, do Dragão, do Cão ou do Javali, entrar também na sinagoga de Haia com um destes sinais distintivos. O rabino, que é de seu natural polido, ter-me-ia acolhido igualmente bem. Se para prestar homenagem á sua bôa educação e ao seu trato afável, tivesse publicado que me recebera daquela guisa em consideração para com a minha insígnia, podia concluir-se que o meu desígnio fôra fazer acreditar que o rabino respeitara na minha ordem um elefante, uma águia, um dragão, ou um porco-espinho? Ou muito me engano, ou o que eu queria inculcar é que êste homem estava a-par das regras da etiqueta e era pessoa de boa civilidade. Os hebreus, salvo êrro, tiveram a sua ordem Equestre. Ocorre-me que Flávio José fala da sua fundação e conta que a cadeia e o anel de oiro eram as insígnias com que os príncipes honravam súbditos, amigos e partidários. A Escritura Sagrada cita-nos o caso do ilustre José que, mediante seu espírito profético, interpretou e explicou os sonhos de Faraó. Modo de premiar a sua sciência, vestiu-o o monarca de púrpura e em cerimónia publica lhe conferiu a ordem Equestre, enfiando-lhe êle mesmo no dedo o anel simbólico e deitando-lhe ao pescoço o colar respectivo.

Os mesmos exemplos constam do tempo de Moisés e Josué, que concederam a mesma dignidade a hebreus, notáveis pelo valor e a coragem. Daniel, ainda, foi glorificado por Baltasar, depois que decidiu os caracteres misteriosos que tinham aparecido na parede. O rei ordenou que lhe vestissem túnica escarlata, lhe pusessem um colar de oiro ao pescoço e fôsse proclamado que era o terceiro do reino.

Este colar, ou insígnia de honra só concedida aos homens de mérito, é denominado *torques* ou *torquis* por Cícero, *torquis aureus* por Vegécio; e Plínio chama *torquatus* áquele que tinha a honra de com êle ser agraciado. Ora, se José do Egito, pudesse voltar com todo o prestígio que lhe atribui a História Sagrada, e entrasse numa igreja cristã, não creio que houvesse sacerdote ou sacristão tal mal educado ou soez que lhe negasse consideração só porque ostentava o distintivo duma ordem, hebraica ou faraónica que fôsse. As ordens são, com efeito, uma recomendação a todos aqueles que as estadeiam; pessoas de bem não lhes faltam com a sua vénia. Assim procedeu o rabino para comigo, como procederia, de certo, pertencendo eu á ordem do Porco, animal a que os judeus votam a sua melhor antipatia. Alega o crítico que o meu livro foi escrito para uso dos ignorantes. Talvez não fôsse essa a minha intenção quando o publiquei, mas, pois que caiu entre as suas mãos, o enderêço que lhe sobrescrita não está de todo errado.

• • •

Conferência comemorativa do Auto de Fé de 1543



Realizou-se no dia 11 de Fevereiro na Comunidade Israelita desta cidade, uma conferência em comemoração do primeiro e ultimo Auto de Fé que teve lugar no Porto.

Foi conferente o Ex.mo Snr. Capitão Barros Basto que nos deu o praser de o ouvir durante largo tempo.

As suas palavras encontraram eco nos nossos corações, nos quais, naquele momento, parecia existir o fogo que devorou outrora os corpos dos nossos antepassados.

Eram nossos irmãos...

—Eram maus?

—Não... pelo contrário eram de bom carácter, porem de ideias firmes.

O cristianismo tinha de aumentar!...

A religião do «Deus Uno-Invisível» tinha de desaparecer!...

—Que era pois necessário fazer?

—Exterminar do mundo dos vivos todos os adoradores dêsse Deus, ou impôr-lhe o cristianismo a ferro e fogo.

E' para esse fim que foi organizada a Inquisição, monstro horrível como lhe chama o Judeu Samuel Usque.

Nomeado Bispo do Porto D. Bartolomeu Limpo, é esplendidamente recebido nesta cidade não faltando a camara no cortejo de recepção. Em 1541 funda-se no Porto a Inquisição.

Grande numero de expiões é encarregado de descobrir os judeus pelas seguintes principais indicações:

—«Não trabalhar ao Sábado.

Fazer comida na sexta-feira guardando-a a fim de em Shabath não acender fogo. Matar animais por degolação e cobrir o sangue dêles com terra. Não comer carne de porco, camelo, lebre, águia, abutre, milhano, coruja, etc, etc.

Jejuar o maior jejum que cai em Setembro—(Kipur) orando nêsse dia descalços e pedindo perdão uns aos outros das faltas cometidas.

Solenizar a Pascoa comendo pão azimo e resando salmos sem gloria patrie. Atar ao braço umas correias segundo êles (Atafalis-Tefilim) Deitar fora as águas dum morto considerando-as impuras. Dar a benção aos filhos passando-lhes a mão pela face:.

Era por estes sinais que reconheceriam os judeus, os quais teriam de denunciava á Inquisição.

Aos que se quisessem arrepender eram dados 30 dias para se confessarem e depois teriam de denunciar outros judeus, quer fossem pais, mãis, ou irmãos.

Todos seriam condenados com penas saú laveis para a sua alma, diziam êles.

Pretendera Frei Baltasar Limpo transformar a sinagoga de então numa igreja, sinagoga que era nem mais nem menos que a actual igreja de S. Bento da Vttória.

Todos os judeus teriam de concorrer para essa transformação, porem, êles procederam como Nuno Gonçalves;—longe de auxiliar, faziam quanto podiam para o impedir. Dai o furor de D. Bartolomeu Limpo.

Os cárceres da Inquisição eram os mais horrendos que se pode imaginar.

No lugar de que necessitaria uma pessoa metiam meia duzia: De tal maneira humidas que, a misera enxerga em que os pobres enjaulados dormiam, apodreciam ao fim de oito dias.

No lugar onde hoje se encontra a Rua Escura estava instalado o cárcere da Inquisição e foi aí que muitos dos nossos sofreram os horrores da prisão.

Os julgamentos eram desta maneira, salvo excepções:

«O réu vinha á casa do tormento perante os ministros e era encarregado de descarregar a sua consciência.

Se êle recusava eram chamados os executores, médico e cirurgião, os quais receberiam ordem de fazerem bem o seu officio e levar o réu ao lugar do tormento para ser executado. Sendo o réu principiado a atar dir-lhe-há o notário, que, em nome dos inquisidores e dos demais ministros, que o foram no despacho do seu processo, se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro, ou perder algum sentido a culpa será sua, pois, voluntariamente se expõe a aquele perigo, que poderia evitar confessando as suas culpas; e não será dos ministros do Santo officio, que fizeram justiça segundo o merecimento da sua causa. Se o réu quer então confessar as suas culpas, é ouvido, mas, se elas não satisfazem os ministros o tormento continuará.

Quantos no auge dos sofrimentos declaravam, afim de obter um bocadinho de alivio, crimes que não haviam praticado!

Nove pessoas eram sempre testemunhas contra os judeus.

—Quem era tão deshumano inquisitor?

—Frei Baltasar Limpo, homem de character impetuoso fanático e violento. O promotor era João de Avelar. Havia tambem um chaveiro, Antonio Pires, e era deste ultimo que, nas sombrias masmorras, as mais lindas donzelas de Israel ouviram palavras torpes de amor sensual, sacrificadas á força, aos seus desejos libidinosos, o que não era ignorado pelo bispo, que o tolerava.

Toda a vida inquisitorial era contada pelo bispo a El-Rei.

Numa carta a este lê-se entre outras coisas:

«Não permitia V. M. que a delicada justiça da Inquisição cesse»

No Auto de Fé realizado a 11 de Fevereiro de 1543, houve oitenta e quatro penitentes, sendo queimados vivos três homens e uma mulher

A Descrição do Auto de Fé feita pelo corregedor Francisco Toscano em carta escrita a el-rei a 15 de Fevereiro de 1543 é a seguinte:

«...Esta previsão veio com outras do Bispo, o qual logo fêz ordenar tudo o que era necessário, e mandou fazer em um campo d'esta cidade, d'onde estava a Porta do Sol, três cadafalsos pela ordenança dos de Lisboa e a 11 deste mês de Fevereiro se fêz o auto, em que houve 84 penitentes, a saber, quatro que padeceram e 21 que se queimaram em estatuas, e 15 de carcere perpetuo com sambenitos, e 43 penitenciados a carcere temporal, de 1 até 10 anos e duas testemunhas falsas, as heresias destes (segundo as sentenças delatavam) foram muitas e graves e valeu aos de cárcere perpetuo, que pediram mesa com muita contrição. O auto foi bem feito e socegado, com bôa ordem que nele houve, poz grande espanto á gente desta terra, que nunca outro tal virão Estimou-se a gente, que a êle veio assim desta terra como de fora, em 30.000 pessoas, e parece que esta justiça foi feita por vontade de Deus, que chovendo os dias dantes de muita água, e vento, o dia do auto supitamente tornou mui sereno e claro; durou o auto com a queima até ás 5 da tarde, nesta terra houve muito proveito e fruto, assim no espirituai como temporal depois que a Santa Inquisição é nela...»

Baruch de Spinoza

El mundo celebra el tercer centenario del nacimiento de una de las lumbreras de la humanidad: Baruch de Spinoza.

Hijo de judíos portugueses, Baruch de Spinoza nació en Amsterdam el 24 de noviembre de 1632.

Demostó desde temprana edad poseer una inteligencia superior, imaginación viva

unida a un espíritu de compenetración extraordinaria, motivo por el cual su padre proyectó, luego de profundizarlo en las letras hebreas, hacerlos cursar el Rabinato.

Spinoza no tardó en crear disidencias con sus maestros. Sus preguntas resultaban embrazosas e incontestables para aquellos que retraídos en su fe, desdeñaban dedicarse a la suprema aspiración de una vida mejor.

A los 15 años pudo leer la Biblia sin necesidad de interpretes y sus dudas fueron cada vez en aumento. Sus profundos conocimientos de la lengua hebrea le permitieron interiorizarse de los libros del Talmud, que no le trajeron la satisfacción esperada. Entonces se convirtió en crítico.

LAS DUDAS DE SPINOZA

Spinoza vivía entregado al estudio. Comprendió cuan necesario sería el conocimiento de otras lenguas para sus posteriores trabajos. Sus historiadores' entre ellos Celerus, afirma que tuvo por maestro primeramente a un alemán y que más tarde perfeccionó sus estudios con el Notable Van Den Ende. Lucas, que personalmente conoció a Spinoza refiere que muchas veces sus amigos cristianos lamentaron su ignorancia del latín y el griego. Aprendió Spinoza con Van den Ende la lísica y la geometría y más tarde la filosofía.

En la vida de los grandes, hay circunstancias que inducen a definir su derrotero. Para Spinoza esta circunstancia fué un desencano. Spinoza se enamoró. Locamente cual su fogosa juventud. Inspiró esa pasión la hija de Van Den Ende. No era ésta un modelo de hermosura; pero tenía talento, tenía instrucción, tenía gracia. Mas, quiso el destino que un condiscípulo suyo, cuyo, nombre perdura por haberse cruzado en la vida del filósofo, Kerkering, fuera el preferido y ésto aumento su soledad.

Estudió el Latín y leyó obras de Descartes. El mismo declara que en ellas ha bebido los fundamentos de cuanto sabía en materia filosófica. Al influjo de las teorías Cartesianas se desarrollaron en Spinoza mayores dudas y bien pronto comenzó a no aparecer sino raramente en la Sinagoga y a esquivar cualquier controversia con los doctores' Se le ofreció, a condición de asistir a las ceremonias y de olvidar las dudas una pensión de 1000 florines que tuvo la satisfacción de

rehusar diciendo: "Que ni él podía ser hipócrita ni buscaba otra cosa que la verdad"

SU SEPARACION DE LA GREY ISRAELITA

Spinoza aplicó a las doctrinas rabínicas el gran principio del cartesianismo: la duda provisional. Propagóse el secreto y la excomunión llegó. Los que pretendieron ser sus amigos invitaronle a que revelara sus verdaderos sentimientos sin ningún temor. Spinoza sorprendido, respondió riendo: "Ya tenéis a Moisés y a los Profetas, que eran verdaderos Israelitas y que han resuelto todas las cuestiones. Seguidlos sin escrúpulos si sois Israelitas". Se habló de la materialidad e inmaterialidad de Dios. Sobre la naturaleza de los Angeles y mil otras cuestiones. Pero Spinoza no expuso sus doctrinas y prometió hacerlo en otra ocasión. Observó mientras tanto la conducta de sus amigos y pudo al fin amargamente darse cuenta de la intención que les movía a enterarse de sus opiniones y tuvo que evitar todo trato con ellos.

Dió comienzo la venganza. Se comenzó a decir "que era un impío con bastante habilidad para enganar a Morteira" y que lejos de considerársele como futuro sosté de la Sinagoga debía ser mirado como el que había de destruirla. Se enteró el pueblo, se enteró la Sinagoga. Los doctores, condenaron sin escucharle.

Un día fué llamado ante los jueces y negó rotundamente una serie de crímenes que se le imputaban. Entonces sus falsos amigos se presentaron a deponer contra él, afirmando "haber escuchado de sus labios blasfemias espantosas", y los jueces sentenciaron condenándole sin dar tiempo a su defensa. Morteira advirtiéndole el peligro que su discípulo corría intentó salvarlo denodadamente. Presentóse en la Sinagoga, y como jefe de ésta, después de haber gastado su elocuencia en convencerle, amenazóle en solemne tono con la excomunión más terrible si en el instante no daba pruebas de arrepentimiento. Spinoza respondió a las palabras de su maestro sin asombro ni temor: "Conozco el valor de tu amenaza y a cambio del trabajo que te tomaste en enseñarme la lengua hebrea, quiero indicarte la manera de excomulgar". Morteira, ya odiaba a Spinoza y prometió volver con el rayo entre las manos.

Pasó el plazo concedido y hubo que señalar día para la excomunión. Spinoza al tener noticia de ello exclamó: "Enhorabuena; no se me obliga más que a aquello que de buena voluntad hubiera hecho a no temer el escándalo: Puesto que así lo quieren, entro con gozo en el camino que se me abre, con el consuelo de que mi salida de vuestro lado, es aún más inocente que la de los primeros hebreos de Egipto. Aunque mi subsistencia no esté más segura que la suya, nada me llevo de nadie, y hágase conmigo lo que se quiera. Puedo decir que nada tienen que reprocharme".

La excomunión de Spinoza fué de las llamadas "Herem" (Separación). El pueblo se reúne en la Sinagoga, alumbrada con bujías negras; se abre el Tabernáculo en que se guardan los libros de la ley, el Chantre entona con voz lúgubre las palabras de la execración y otro Chantre hace sonar un cuerno o trompa. Entonces, gota a gota se vierten las bujías en un cubo de sangre y el pueblo grita "amen" poseído de cólera. La excomunión está concluída. Este trance lo pasó Spinoza el 27 de julio de 1656.

Texto de la excomunión de Spinoza

La excomunión de Spinoza fué de las más terribles de las llamadas "Schamiatha". En 1862, Van Vloten pudo encontrar la sentencia y la publicó enteramente.

Traducida directamente del portugués, dice así:

"Nosotros, señores de Mahamad, hacemos saber a Vds., que a días que tenemos noticias de las opiniones y obras de Baruch Spinoza, habiendo procurado retirarlo por diferentes caminos y promesas de sus malos caminos, no pudiendo remediarlo y por el contrario teniendo todos los días nuevas noticias de las horrendas herezias que practicaba e insinuaba y enormes obras que obraba, de lo cual tenemos muchos testimonios fededignos que han sido depuesto y testimoniados todos en presencia de dicho Spinoza que ha corroborado lo cual en presencia de los señores. Se ha deliberado y eh parecer es que Spinoza sea separado y apartado de la Nación de Israel, como dice el Herem: Como sentencia de los Anjos como ordenan los Santos separamos, apartamos y maldecimos a Baruche de Spinoza con consentimiento de la Sinagoga y de todo este Colegio; lo separamos de la Torah y de los seiscientos trece preceptos que están escritos; lo rechazamos con el Herem con que rechazó Jeosuah a Jericeho, con la maldición de Elischah a los Mossos y con todas las maldiciones que están escritas en la Ley: *Maldito sea de día y maldito sea de noche; Maldito sea al acostarse y maldito sea al levantarse; Maldito sea al salir, y maldito sea al entrar. Dios no le perdone y que su furor se derrame sobre la cabeza de ese hombre y haga caer sobre el todas las maldiciones. Que dios borre su nombre bajo el cielo y lo persiga con todas las maldiciones que estan inscritas en la Torah. Y vosotros, que estais espe-*

ranzados en Dios, vivid eternamente. Y a vosotros advertimos que ninguno debe faltar esta ley, verbalmente ni por escrito, ni darle ningun favor, ni debajo de techo estar con el, ni permanecer en su vecindad y nadie lea un libro de sus libros, ni los que ha escrito, ni los que escribiera".

La obra de Spinoza

Después de su excomunión—refiere su biógrafo Otto Balusch—Spinoza, entregado a sus propios recursos, llevó en diferentes lugares una vida retirada, consagrada al estudio. Ganaba el sustente, preferentemente, dando lecciones particulares y también puliendo cristales ópticos, ocupación que era entonces favorita entre los hombres educados en la nueva ciencia natural y que el mismo Descartes cultivó en ocasiones. Más tarde, Jean de Witt le asignó una pequeña pensión del Estado, suficiente para sus modestas necesidades. Vivió así "contento con poca cosa", y sus únicos gastos considerables eran para adquirir libros de precio.

El año 1660 abandonó Amsterdam, su ciudad natal, y se trasladó al pueblo de Rijnsburgo, cerca de Leiden, con objeto de poder entregarse sin estorbos a sus trabajos científicos. Allí escribió el primero esbozo, todavía muy tosco, de su filosofía, el denominado *Tractatus brevis*, y lo hizo circular entre sus amigos de Amsterdam. Pensaba dejarlo listo en seguida para la impresión y publicarlo junto con una introducción, conservada hoy como fragmento del *Tractatus de intellectus emendatione*, le atrajo la idea de dar forma geométrica a su sistema y suspendió entre tanto la publicación. Por motivos externos editó entonces una exposición geométrica de la doctrina cartesiana, exposición llevada a cabo para fines didácticos, a la que hizo seguir un apéndice, compuesto con igual fin, donde, bajo el título de *Cogitata metaphysica*, explicaba los conceptos fundamentales de la ontología desde el punto de vista de la neoescolástica cartesiana. Fué este criterio el que le procuró en el año 1673 una honrosa llamada a la Universidad de Heidelberg, llamamiento que hubo de declinar para no perder el reposo indispensable a su actividad científica. Se le respetaba, en efecto, la libertad de filosofar, pero se esperaba de él que "no haría mal uso de esa libertad".

En el año 1663 trasladó su residencia a Voorburg, cerca de La Haya, donde ganó la amistad de Jean de Witt, el gran hombre

de Estado holandés, dueño entonces del poder. El *Tractus theologicus politicus* debe considerarse como fruto de esta amistad. Fué escrito para apoyar a Witt contra los ambisiosos pastores calvinistas. Pero la obra, planeada primitivamente como simple escrito político, se elevó al rango de una grandiosa apología de la libertad de pensar y creer, dentro del Estado libre, frente a las pretensiones de una Iglesia que combate la autoridad y exige de ella obediencia. Lo más notable en el libro es la investigación de los orígenes literarios del Antiguo Testamento, investigación en que Spinoza es uno de los primeros que aplican a la cuestión los principios de la ciencia estricta, anticipando no pocos de los resultados posteriores de la crítica bíblica. Colócase aquí, esencialmente en el terreno de su concepción del mundo, aun cuando calla sus doctrinas más subversivas y se ajusta en lo posible, incluso en la expresión, a los modos de ser corrientes en la época, no por temor, sino por no anteponer grandes obstáculos previos a la difusión del escrito, que, dado su objeto, estaba destinado al gran público.

El año 1670 pasó a La Haya y desde allí lanzó al mundo, sin nombre de autor, el *Tratado teológico político*, cuyas opiniones e intenciones, muy libres a pesar de todo, no tardaron en desencadenar tempestades de indignación. No obstante, el filósofo, protegido por de Witt, nada tuvo que lamentar. Pocos años después le infligió el destino el más rudo golpe que hubo de experimentar en su edad madura: el horrible asesinato de su amigo Jean de Witt por un populacho iritado. Difícilmente soportó Spinoza esta prueba. Por dicha, su situación externa no sufrió alteración a causa del suceso; nadie le molestó, y ni siquiera perdió su pensión. Continuó trabajando tranquilamente en sus obras, frecuentando pocos amigos y recibiendo de vez en cuando la visita de hombres eminentes del extranjero, a cuyos círculos llegara su gran reputación, nacida en el entre tanto, como Tschirnhaus y Leibnitz. Poco a poco pudo así terminar su sistema, el cual recibió ahora el título de *Ética*, único que convenía a su contenido. Quería Spinoza publicarlo el año 1675; pero tuvo que renunciar a su propósito, porque, ante el rumor de que iba a aparecer un nuevo libro suyo, los teólogos se movilizaron contra él incontinentemente.

Y ya no le fué posible realizar una segunda tentativa. Murió a los cuarenta y cuatro años, dulcemente, a consecuencia de la tisis. Inmediatamente después, de su muerte, sus amigos editaron la relictá obra maestra, sin publicar su nombre, tal como él lo había deseado. Editaron al mismo tiempo los fragmentos del *Tractatus politicus*, su epitome de gramática hebrea y una colección de epístolas; pero nada se ha conservado de su álgebra y de una detallada exposición de filosofía natural que planeó.

Goethe ha hablado de la atmósfera de paz del spinozismo. Hay también, derramada sobre la vida de Spinoza, una inmensa, casi una santa paz. Sólo muy escasos acontecimientos pudieron fillrarse en ella, y aun éstos no tuvieron fuerza para perturbar la armonía sosegada, pero nada fría, de su alma, que gobernaba la razón. Spinoza pertenecía a esa clase especial de naturalezas enérgicas que para poner en movimiento su fuerza interior necesitan entender de un modo seguro lo que es bueno y justo, y sin eso no son nada. Gracias a su extraordinaria inteligencia, cuyo carácter, exclusivamente sistemático y hasta doctrinal, fué en esta circunstancia felicísima, pude desarrollar hasta su máxima plenitud las tendencias esenciales de su espíritu. La sabiduría impregnó su personalidad toda entera y le dió aquella fuerza interior, aquella firme superioridad que mira muy por bajo de sí los azares del propio destino y que una vez alcanzada confiere la posibilidad de encararse con el mundo lleno de un depurado amor y de decir que sí a la vida. Así como según él, entendimiento y voluntad son una misma cosa, así eran una misma cosa con la grandeza de su doctrina, la pureza y elevación de su carácter.

La Memoria de Spinoza Fué Desagraviada

Hace poco, a los 250 años de la muerte de Baruch de Spinoza, en la Universidad más nuevas, donde se estudia la lengua más antigua, la hebrea, en Jerusalem en medio del canto al trabajo y la cultura espiritual de la raza, se ha borrado la mancha con que la intransigencia ortodoxa había senalado a uno de sus hijos por ligar sus creencias seculares con la verdad. Es un desagravio y una honra para Israel. Ha dignificado a un hombre liberal que ha salido de sus propias ideas. ¿Acaso no tienen el mismo origen la espiritualidad y la verdad? Los que la predicán no son grandes hombres, son semidioses que surgen en el transcurso de los tiempos para el bien de los hombres. Digamos

junto con Romain Rolland al honrar la memoria de Spinoza: "Yo no creo en los héroes que han triunfado por el pensamiento o por la fuerza, sino en lo que han triunfado por el corazón. Donde no hay gran carácter, no hay gran hombre, sólo hay ídolos fabricados por la multitud. A esos el tiempo los destruye, los otros perduran a través de la vida de la humanidad"

Fué en octubre de 1927 que la persona y obra de Spinoza, en impresionante ceremonia, fué librada del Herem que les fué impuesto por la incomprensión fanática de sus contemporáneos. Luego de una conferencia dictada por el profesor Joseph Kloisner acerca de los caracteres judíos de las enseñanzas de Spinoza, fué pronunciada la siguiente fórmula: "*Te libramos del Herem. Los pecados que el judaísmo cometió contra ti, quedan anulados y los pecados que tu cometiste contra el Judaísmo. Te son perdonados. ¡Eres nuestro hermano! ¡Eres nuestro hermano! ¡Eres nuestro hermano!*"

Transcrito de "Vida Hebrea" Buenos Aires —Argentina

Publicações Israelitas

Angebliche Nach Kommen des König David—Gutman Gusman—Die Familiennamen der Kreolischen Juden—Nachtrag zu «Die Familiennamen der Kreolischen Judeu», são os nomes de quatro estudos do nosso correligionário Arturo Bab, de Rivera (Argentina) e publicados na excelente coleção de estudos judaicos alemã denominada «Judische Familien—Forschung, de Berlim w 9, Postsdamer Strasse 5.

O primeiro estudo fala-nos de alguns judeus ilustres descendentes da casa real de David, entre os quais refere o nosso Don Isac Abarbanel, natural de Lisboa, que foi ministro das finanças de El-Rei D. Afonso V. e Rabbi-mór dos judeus portugueses.

O segundo estudo demonstra-nos que o nome Gusmão é nada mais, nada menos que o nome Gutman, deixado na Península pelos visigodos.

O terceiro e quarto trabalhos falam-nos dos nomes de várias famílias creoulas com nomes maranos, tais como: de Mesquita, Belmonte, Duarte, Fonseca, Machorro, Leão, Lousada, Pinto, Pardo, Prado, Pizarro, Pereira Montesino, Osorio, Lopes, Henriques, Rodrigues, Gonçalves, Martins, Mendes, Avelar, Castro, Mota, Oliveira, Miranda, Almeida, Ferreira, Costa, Ribeiro, Torres, Moreno, Crespo, Rei, Franco, Querido, Bravo, Lobo, Guerreiro, Silva, Robles, Pinheiro, Pina, Sola, Salvador, Leira, Brandão, Macias, Viana, etc.

Estes estudos fazem falta numa biblioteca judeo-marana.

Secção Sionista

Cincoenta anos de Reconstrução

(Continuação)

Em 1931 o viajante já podia atravessar o país comodamente, passando por magníficas estradas, cruzadas por automóveis desde o romper do dia até á noite. Ainda hoje, porém, o árabe permanece fiel ao seu camelo e o mesmo aconteceu em 1894, época em que não havia na Palestina um número suficiente de judeus para sustentar o caminho de ferro. Assim, a Companhia faliu depois de algumas semanas apenas de actividade.

Foi ainda no princípio da última década do século passado que o extremo Norte da Palestina se enriqueceu com a colónia Metullah, á qual se juntaram, durante a grande guerra, os grupos de Kfar Guileadi e de Tel Hai, constituindo-se assim a guarda das fronteiras. Em Tel Hai caiu Trumpeldor depois de uma defesa heroica, na primavera de 1920. E' de lá que partiu o seu último grito de triunfo: *Oh, como é bom morrer pela Pátria!*

Desde o principio que a colonisação palestiniana encontrou um bemfeitor generoso no Barão Edmundo de Rothschild. Tirou da miseria a Zichron Jacob; protegeu a Rosh Pinah, colonizou Ekron e alargou Petah Tikvah. Adquiriu grandes extensões de terreno no Hauran, na Transjordania, e desenvolveu a produção vinicola construindo as célebres caves de Richon-le Sion.

Os novos colonos, primeiro estreitamente dependentes do Barão, começaram a abrir caminho para a independencia economica. Como o vinho era então o producto principal da agricultura palestiniana creou-se uma cooperativa vinicola assim como uma sociedade cooperativa de venda chamada "Carmelo Oriental" que vende actualmente trez a quatro milhões de litros de vinho por ano.

O século aproximava-se já do seu fim quando um novo espírito se apoderou do movimento nacional hebreu. Em 1897 teve lugar, em Bale o primeiro Congresso Sionista. Em 1899 a Palestina recebeu a visita do Chefe, cujo nome, no futuro, andar´ sempre ligado á sua obra: Teodoro Herzl

percorre o paiz, encontra-se com o Imperador Guilherme II da Alemanha perto de M kveh Israel, e, em Jerusalem, conversa com ele sobre o destino e as esperanças do seu povo. As colonias fizeram-lhe uma recepção real.

Outras luzes aparecem já no horisonte. Na Russia desenha-se um novo movimento de imigração de jovens pioneiros-operarios devido ao apelo de um professor palestiniano. A frente de uma grande delegação, Ussischkin, o celebre chefe dos sionistas russos, chega á Palestina e coloca, em Petah Tikvah, a primeira pedra da Organização dos Colonos. Ao mesmo tempo, e devido igualmente aos seus esforços, os professores hebreus, pioneiros do renascimento cultural, fundam a sua organização, que no futuro será poderosa, em Zichron Jacob.

A rede das escolas alarga-se continuamente. A Escola Laemel, a primeira em Jerusalem, foi transferida no proprio edificio. Jardins da Infancia são creados em Jaffa e em Jerusalem, a fortaleza da velha educação. A biblioteca do medico sionista Dr. Hassanovitz, enriquecida com a colecção do Professor Schapira, constituiu o ponto da partida da Biblioteca Nacional, hoje a maior do Proximo Oriente. Entretanto o paiz enriqueceu-se com um elemento novo. Os *Halutsim* chegaram, os pioneiros da Segunda Imigração. Jovens, prontos a sofrer as peores privações, fugindo da civilização e ardendo no desejo de conquistar novas regiões para a colonisação sionista. Dirigiram-se, na maior parte para a Galileia, então um paiz perigoso e quasi que meio deserto. Formaram grupos errantes e conquistaram o direito ao trabalho nas colonias já existentes enquanto esperavam o seus estabelecimento definitivo sobre o solo.

Em 1905 a crise vinicola obrigou os cultivadores a restringir a produção do vinho. Houve mesmo necessidade de arrancar centenas de dunams de vinhas. Os cultivadores voltaram-se então para os laranjaes cuja produção é quasi sem rival. Creada a cooperativa „Pardess", para a venda das laranjas, depressa se tornou em uma das grandes sociedades da Palestina.

Continua.

Visado pela Comissão de Censura